

## **Editorial**

Estimados leitores da Plura,

1999-2019. Lá se vão duas décadas de fundação da Associação Brasileira de História das Religiões, um período no qual muitos pesquisadores imprimiram na ABHR suas marcas e tiveram nela um lugar de discussão e amadurecimento, não apenas de seus trabalhos acadêmicos, mas de todo um campo de pesquisa que foi se desenvolvendo no Brasil. Além disso, a Associação atuou com a Plura, com a publicação de livros e com seus eventos na divulgação e socialização dos estudos da religião em nosso país. Foram 16 eventos nacionais – entre os quais 3 internacionais – e mais de uma dezena de simpósios regionais, construídos em parcerias com várias universidades e programas de pós-graduação.

Um legado que merece ser relido, com os olhos da crítica e também de orgulho pelo que fizemos, como coletivo e a muitas mãos. Nesse sentido, esse número de nossa Revista tem um ar comemorativo. Mas sem perder de vista, é claro, a situação presente e as nossas perspectivas de futuro. Por mais que o momento seja difícil, em função do necessário isolamento social e do combate à pandemia do Covid-19, devemos nos manter convictos de que haverá sempre muito a fazer quando tudo isso passar.

Nós da ABHR estamos cientes das várias tarefas que temos pela frente: regularizar nossa burocracia, atuar mais decididamente na articulação dos pesquisadores das religiões e religiosidades no Brasil, investir mais decisivamente na Plura, fortalecer os trabalhos de base nas regionais, assim como nossa luta pela laicidade e pela consolidação da democracia, no combate a todo o tipo de discriminação e violência religiosa. Como se pode ver, muitas atividades... que exigirão empenho e coragem.

Mas isso não nos deve impedir de notar os passos que demos. Esse é um exercício de memória necessário, que nos torna responsáveis pelo trabalho realizado por nós e por aqueles que vieram antes de nós. Muitos dos que hoje frequentam as atividades da ABHR não estiveram no ato de sua fundação. Seguimos nossos orientadores no início de nossas atividades de pesquisa e, hoje, estamos levando nossos orientandos conosco, abrindo-lhes espaços na Associação que ajudamos a construir. Disso tudo, sempre há algo do que nos orgulhar.

Nesse sentido, os textos que compõem este dossiê, apresentam um balanço. Respondem à nossa chamada pública e revelam, cada qual do ponto de vista do seu autor/a, alguns aspectos da história da ABHR.

Leila Marrach Basto de Albuquerque faz um grande apanhado da trajetória da Associação. Mais do que uma “nota”, a autora, que é hoje nossa decana – sempre muito ativa e participativa nos nossos eventos regionais – nos apresenta um relevante conjunto de informações sobre nossos eventos e publicações, como indicadores de “alguns dos caminhos através dos quais os estudos das religiosidades se fazem no Brasil”. Da mesma forma, Sérgio Ricardo Coutinho nos revela as interfaces entre o que foi feito na ABHR e os esforços do CEHILA-Br. Com muitos membros em comum, as duas entidades dialogaram e desenvolveram parcerias fundamentais para o avanço das reflexões sobre História do Cristianismo no Brasil, de modo especial a História da Igreja. Como observa o autor, “a existência da ABHR, sem intenção nenhuma, acabou por fazer com que CEHILA-Brasil repensasse sua identidade inicial e a recolocasse sob novas bases”. Por outro lado, tivemos nesses anos intensa participação de padres, pastores e leigos engajados na ABHR, que souberam não apenas zelar pela laicidade da Associação, mas somar aos nossos esforços de pesquisa um conhecimento sensível e profundo das instituições religiosas às quais pertencem. De tal modo que essa parceria deve continuar, já que ainda “há muito a ser feito, especialmente nesta conjuntura política onde o mundo religioso tem sido um instrumento importante tanto para uma pauta anticientífica e antiemancipatória, como instrumento de resistência em defesa de um ‘projeto de vida para todos’”.

Com o artigo intitulado *Memórias sensíveis em caleidoscópio*, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, presidente da ABHR por duas gestões (2015-2017 e 2017-2019) traz um ponto de vista bastante pessoal de seus esforços na internacionalização e regionalização da Associação, bem como seu trabalho no sentido de ampliar o nosso escopo de atuação. Foi um período de grandes eventos, em que nossas atividades se tornaram mais transversais, às vezes permeados também por algumas polêmicas (trazidas nesse esforço mnemônico). Já Diego Omar da Silveira procura fazer um balanço sobre a inserção da Regional Norte na ABHR e suas atividades desde 2015. Um caso em que a interiorização das universidades públicas e a atuação da Associação vai ajudando a delinear um grupo de pesquisadores, dando origem a produções coletivas e interessantes eventos dinamizados, aliás, por pautas locais, como as epistemologias provenientes das religiões afro-indígenas e da pajelança na amazônica.

O dossiê é precedido por duas entrevistas. A primeira realizada por André Dionei Fonseca com Cristiana Rosa Valença, do Observatório da Laicidade na

Educação (OLÉ), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O desafio da laicidade e outros temas da hora presente são tratados nessa conversa pra lá de instigante. E Fábio Stern entrevista Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, não diretamente sobre a ABHR, mas também sobre como a Associação lida com a configuração de um campo mais amplo, multidisciplinar e sobre as mediações necessárias entre a História e as ciências das religiões.

Cinco trabalhos compõem nossa seção de artigos livres: *Entre o Santuário e a Plaza de Mayo. Igreja Católica, devotos, servidores e militantes em torno da figura de San Cayetano*, de Natalia Fernández; *Adventismo e literatura: a histórica tensão sobre o valor educacional dos contos infantis*, de Vanessa Meira; *O Ensino Religioso nas práticas pedagógicas em uma perspectiva de educação popular*, de Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos; *Transição religiosa e divisão do espaço urbano: uma análise da década de 2000*, de Leandro Blanque Becceneri; e *Sodomia: as homossexualidades a partir do discurso da doutrina do Vale do Amanhecer*, de Antonio Leonardo Figueiredo Calou. Como se pode ver, pesquisas que cobrem um amplo leque de temas e que, igualmente, partem de distintos referenciais teóricos e metodológicos – o que consolida nossa vocação editorial de receber textos com abordagens plurais das religiões e religiosidades.

Na parte dedicada a Comunicações, temos a contribuição de Ênio José Brito, que comenta em *Tensões nas fronteiras do Cabo Norte: personagens e ações (1760-1803)* sua aproximação com estudos referentes ao Amapá nas bancas das quais têm participado. Fechando o número temos a resenha do livro de Irinéia Franco dos Santos (*A Caverna do Diabo e outras histórias: ensaios de História Social das Religiões*. Maceió: EDUFAL, 2016) por Adriano Magalhães Tenório. Uma coletânea tomada pelo jovem pesquisador como essencial, até mesmo obrigatória, “para os interessados em se engajar nos estudos históricos sobre as religiões afrobrasileiras”.

Por fim, desejamos a todos uma boa leitura e aproveitamos para convidá-los para nos enviar suas contribuições. A Plura está no endereço <https://revista-plura.emnuvens.com.br/plura/> e lá você encontra todas as informações. As submissões para os números relativos a 2020 ainda estão abertas.

Abraço virtual e fiquem em casa!

Diego Omar da Silveira

Ismael de Vasconcelos Ferreira